



Rosângela
Venturi Barros

LIBERDADE

TAMBORES
DA
LIBERDADE

Ilustrações: Diego Scarpa
Organização: Genildo Coelho Hautequestt F

Rosângela Venturi Barros
Organização: Genildo Coelho
Hautequestt Filho
Ilustração: Diego Scarparo

Caxambu: Tambores da
Liberdade

Cachoeiro de Itapemirim, ES
Gracal Gráfica e Editora Ltda
2015

Ficha Catalográfica elaborada por Maria Lúcia Damasceno Fernandes
Bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal de Cachoeiro de Itapemirim-ES

B32c Barros, Rosângela Venturi

Caxambu: tambores da liberdade / Rosângela Venturi Barros: organização: Genildo Coelho Hautequestt Filho; Ilustração: Diego Scarparo Barbieri. – Cachoeiro de Itapemirim. ES: Gracal. 2014. 22p.

ISBN: 978-85-65435-06-2

1. Literatura infantojuvenil – Folclore. 2. Caxambu – Literatura infantojuvenil. I. Barros, Rosângela Venturi. II. Barbieri, Diego Scarparo. III. Título.

CDD 028.5

Texto

Rosângela Venturi Barros

Organização e pesquisa

Genildo Coelho Hautequestt Filho

Capa e ilustrações

Diego Scarparo

Projeto Gráfico/Diagramação

Diego Scarparo

Prefácio

Anete Lacerda

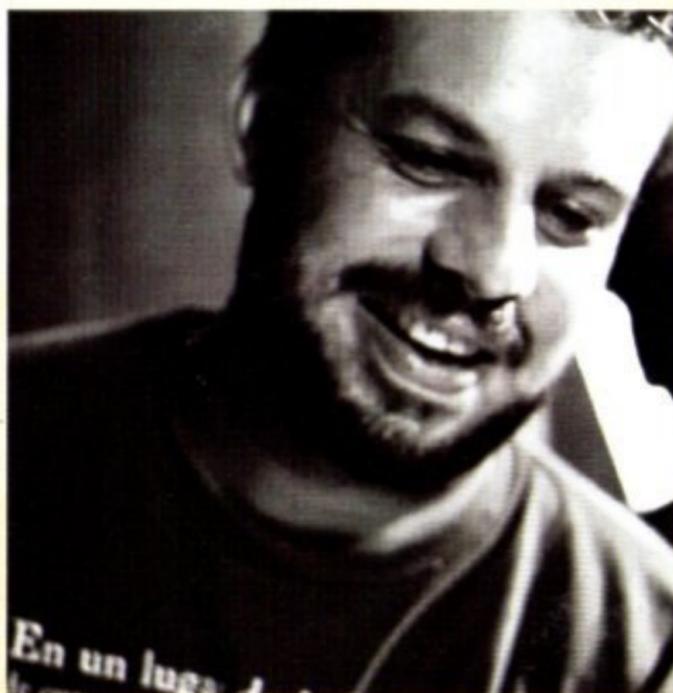


Rosângela Venturi Barros nasceu em Muqui-ES, é jornalista pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), licenciada em Letras (Português/Literatura) pelo Centro Universitário São Camilo e especialista em Leitura e Produção de Textos pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas).

Como repórter do jornal A GAZETA, entre os anos de 1989 e 2009, produziu dezenas de reportagens sobre cultura popular no Sul do ES.

É membro fundadora da Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim e, desde 2002, membro colaboradora da Comissão Espírito Santense de Folclore. Integrou o Conselho Municipal de Registro do Patrimônio Vivo nos anos de 2010, 2011 e 2012. Em 2013 foi eleita para a Academia Cachoeirense de Letras (ACL). É autora dos livros "Palavra de Mestre", que reúne perfis de 18 mestres da cultura popular em Cachoeiro e "O universo mágico das Folias de Reis".

Atua como professora de Língua Portuguesa na Secretaria Estadual de Educação (Sedu), em cargo efetivo.



Diego Scarparo nasceu em Cachoeiro de Itapemirim - ES, é graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com extensão em narrativa gráfica (Graphic Novel) pela University of Colorado-USA.

Atuou por 17 anos em criação publicitária e direção de arte para publicidade.

Integrou o Conselho Municipal de Registro do Patrimônio Vivo nos anos de 2010, 2011 e 2012.

Assina vários trabalhos de ilustração para literatura infantil e adulta.

É diretor e produtor audiovisual de documentários, animações e ficções, alguns destes com seleções nacionais e internacionais. Pretende continuar inventando, documentando e ilustrando boas histórias.



Genildo Coelho Hautequestt Filho nasceu em Cachoeiro de Itapemirim-ES, é arquiteto urbanista pela Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) e mestre em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Pesquisador, defensor e grande divulgador da cultura popular e, principalmente, do povo que a preserva. Participou da criação da Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim em 2001, onde atua como consultor e gestor de projetos culturais. Atualmente é professor do curso de arquitetura e urbanismo da Faculdade Multivix-Vitória.

Diretoria da Associação de
Folclore de Cachoeiro de
Itapemirim

Presidente:
Wilson Diniz Cecon

Vice Presidente:
Adílio Quirino da Silva

Primeiro Secretário:
Emerson da Silva Costa

Segundo Secretário:
Edevaldo Adão Felipe

Primeiro Tesoureiro:
Terezinha de Jesus de Oliveira
Francisco

Segundo Tesoureiro:
Rogério Vieira Machado

Conselho Fiscal:
- Titulares: Izaías Quirino da Silva,
Maria Laurinda Adão e Canuta
Caetano,

Conselho Fiscal:
- Suplentes: Adélio Quirino da
Silva, Gutenberg Evangelista Gue-
des e Erotildes Pereira da Silva.

Agradecimentos:

Aos mestres de Caxambu de
Cachoeiro e municípios vizinhos,
em especial a Maria Laurinda Adão e
Canuta Caetano.
À Associação de Folclore de
Cachoeiro de Itapemirim

Dedicatória:

À memória de Luzia Caetano

Prefácio:

“O mestre é a pessoa que recebe a missão de garantir que o Caxambu jamais acabe”

A palavra da autora me faz lembrar da primeira vez em que tive contato com a comunidade quilombola de Vargem Alegre e entorno, para cumprir pauta do jornal em que trabalhava.

Deparei-me com Dona Canutinha. Havia entusiasmo ao falar da dança que passava pela família há várias gerações. Mas havia também grande preocupação. Os jovens não queriam mais dançar o caxambu porque eram chamados de macumbeiros pelos colegas da escola. Calejada, ela enfrentava a situação com a força de quem vencera muitas lutas.

Mesma força que a levou a mostrar aos meninos e meninas da comunidade católica que é preciso superar o preconceito que fere, denigre e intimida de cabeça erguida, com a mesma alegria dos que viravam noite numa grande festa.

Mestra Canutinha tinha a responsabilidade de não deixar morrer a dança da libertação, da catarse e, porque não dizer, do deboche. Certamente isso a fortaleceu para manter viva a tradição de seus antepassados. Certo também que esse não é um caso isolado.

Outros mestres venceram o assédio moral. A presença do Caxambu hoje é prova disso. Não mais pelo empoderamento às escondidas que permitia aos escravos se alegrarem e dançarem à exaustão por uma noite.

Mas pelo compromisso de garantir vida longa ao Caxambu. À luz das muitas fogueiras que ainda serão acesas, e sob o brilho do olhar dos que venceram as chibatadas morais e o preconceito.

Anete Lacerda
Jornalista

Nota da autora:

A publicação deste livro integra uma proposta de educação patrimonial cujo objetivo é promover a valorização do saber construído pelos mestres desse folgado.

E, ainda, contribuir para a promoção de ações de disseminação desse conhecimento entre as novas gerações, assegurando a perenização de um saber que vem sendo transmitido pela oralidade.

A publicação pretende subsidiar essas ações de difusão do conhecimento que vem sendo repassado de forma oral pelos mestres da região.

E permitir ampliar o reconhecimento do folgado na própria comunidade, de forma a assegurar que o conhecimento dos mestres não se perca no tempo e no esquecimento.



A triste memória dos tempos do cativoiro

Houve um tempo em que as pessoas negras, vindas de África ou nascidas no Brasil, viviam como escravas.

Trabalhavam muito, faziam todo tipo de serviço pesado e, ainda assim, eram maltratadas com castigos dolorosos.

Quem não obedecia, apanhava de chibata (uma espécie de chicote feito com tiras de couro).

Nesses tempos de cativoiro (escravidão), mesmo com tanto sofrimento os negros encontravam uma forma de se divertir.

Os mais antigos contam que eles esperavam os capatazes e fazendeiros dormirem para cantar e dançar escondido.



A stylized illustration of a woman in a red dress dancing joyfully next to a fire. The fire is depicted with yellow and orange flames rising from a pile of logs. The woman has her mouth open as if singing or shouting, and her arms are outstretched. The background is dark and textured, suggesting a cave or a simple structure. The overall style is expressive and somewhat abstract, with bold lines and a limited color palette.

E a alegria da
brincadeira ao
lado da fogueira

Na brincadeira, formavam
uma roda e cantavam
jongos (versos
improvisados que têm
como tema a fé e o cotidiano)
nos quais debochavam
dos patrões.

Era o jeito que encontraram para
suportar aquela vida de sofrimento.
Eles cantavam e dançavam ao som
de um batuque de caixotes, sempre
ao lado de uma fogueira.
Às vezes essa festa durava
até o amanhecer.

Uma festa para celebrar a liberdade

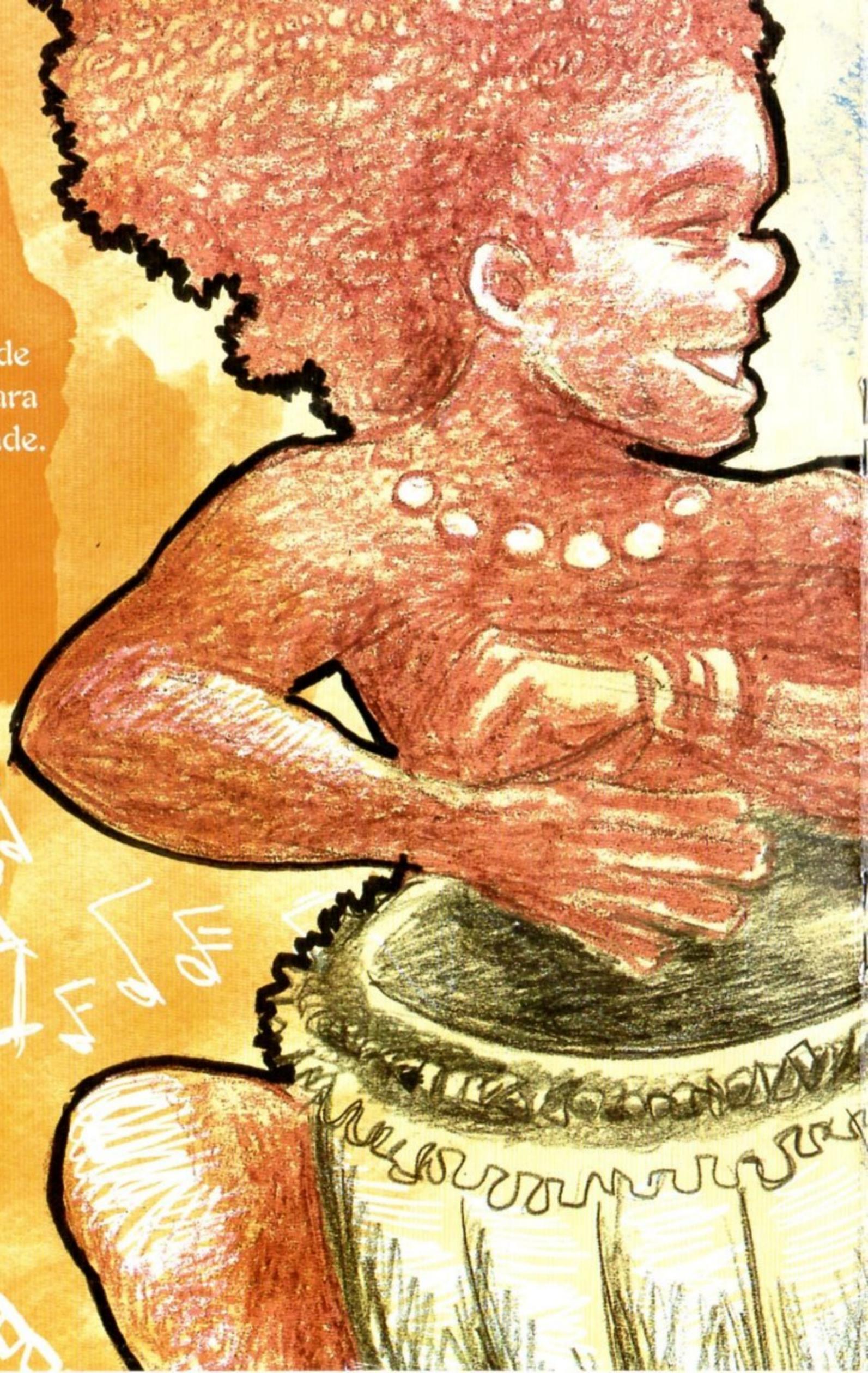
Quando a escravidão terminou oficialmente no Brasil, em 13 de maio de 1888, muitos negros se juntaram para comemorar.

Desde então o Caxambu deixou de ser uma brincadeira escondida para se transformar na festa da liberdade. E os caixotes foram substituídos por tambores

Magia e brincadeira

Durante muito tempo, os Caxambus eram comandados somente por homens.

As mulheres até podiam brincar, mas as crianças ficavam de fora.



Hoje não é mais assim

As mulheres assumiram o comando de muitos grupos, os rituais de magia deram lugar à brincadeira pura e simples.

Nessa época os grupos praticavam rituais mágicos, ligados à Umbanda – religião criada no Brasil e que reúne elementos de diversas outras religiões como o Catolicismo Popular, o Espiritismo, além do Candomblé.

Com isso as crianças também começaram a brincar. Quem participa de grupo de Caxambu é chamado de caxambuzeiro.





Há quem jure
ser verdade

Em muitos grupos de Caxambu, os mais antigos guardam na memória “causos” de acontecimentos fantásticos.

Contam, por exemplo, que numa única noite, uma bananeira foi plantada, cresceu, deu frutos e esses frutos foram comidos pelos integrantes do Caxambu enquanto dançavam e cantavam ao lado da fogueira.

Dizem até que foi numa
noite de lua cheia...

*Não existe Caxambu sem música,
dança e fogueira...*

Nos tempos do cativoiro, os jongos serviam para debochar dos fazendeiros e capatazes.

Os versos eram improvisados, de fácil memorização.

Parecido com o que acontece hoje em dia.

Atualmente os jongos trazem referências do cotidiano.

Os temas envolvem amizade, as belezas do lugar onde os grupos vivem, as dificuldades do dia a dia.

*"Passei na ponte,
a ponte estremeceu
Passei na ponte,
a ponte estremeceu*

*Não sou mais do que ninguém,
Ninguém é mais do que eu"*

*"Princesa foi-se embora,
Escreveu no papelão*

Quem quiser comer

"Trabalhe com suas mãos..."



Para abrir a roda, o mestre
canta um jongo pedindo a bênção
da Santíssima Trindade.

AÊ, AÊ, AÊ, AÊ.

PAI, FILHO, ESPÍRITO SANTO

AÊ, AÊ, AÊ, AÊ.

NA HORA DE DEUS AMÉM

AÊ, AÊ, AÊ, AÊ.

PAI, FILHO, ESPÍRITO SANTO
(BIS)

NA HORA DE DEUS

AMÉM (BIS)



Depois que o mestre abre a roda, os caçambuzeiros vão “tirando” jongsos que podem falar do cotidiano da comunidade, fazer ironias ou até mesmo mandar algum recado para quem estiver na roda.

Mas não podem faltar os jongsos que lembram os tempos de cativo e a conquista da liberdade.

Assim como acontece na hora de abrir a roda, para fechá-la e terminar a brincadeira é preciso cantar um jongo de despedida.

A mestra fica no meio da roda com as mãos levantadas, dando adeus.

“Adeus, adeus, meus filhos, eu vou simhora. Vocês ficam com Deus, que eu vou com Nossa Senhora”.

Caxambu e Candongueiro

Normalmente os grupos utilizam como instrumentos apenas dois tambores: caxambu (o maior, que tem como função “chamar”) e o candongueiro (o menor, que tem como função “responder”).

Nos tempos antigos, os tambores eram feitos de troncos de goiabeiras ocas.

Esses troncos, depois de limpos, eram colocados no sol para secar.

Na ponta era esticado um pedaço de couro de boi raspado.

Depois de alguns dias secando ao sol, os tambores passavam por uma lavagem com cachaça.

Segundo explicam os caxambuzeiros, isso serve para “afinar” os instrumentos. Mas essa afinação só fica concluída depois que os tambores são colocados perto da fogueira.

É por isso que, ainda hoje, a roda só é aberta depois que os tambores são colocados durante algum tempo perto da fogueira. Mas só vale até a meia-noite.



Começa a brincadeira...

As pessoas se juntam ao lado de uma fogueira que deve ser acesa com antecedência e sempre no mesmo local da comunidade. Formam uma roda e dançam até o sol raiar. Os dois caxambuzeiros que tocam os tambores ficam no mesmo lugar até o fim da brincadeira.

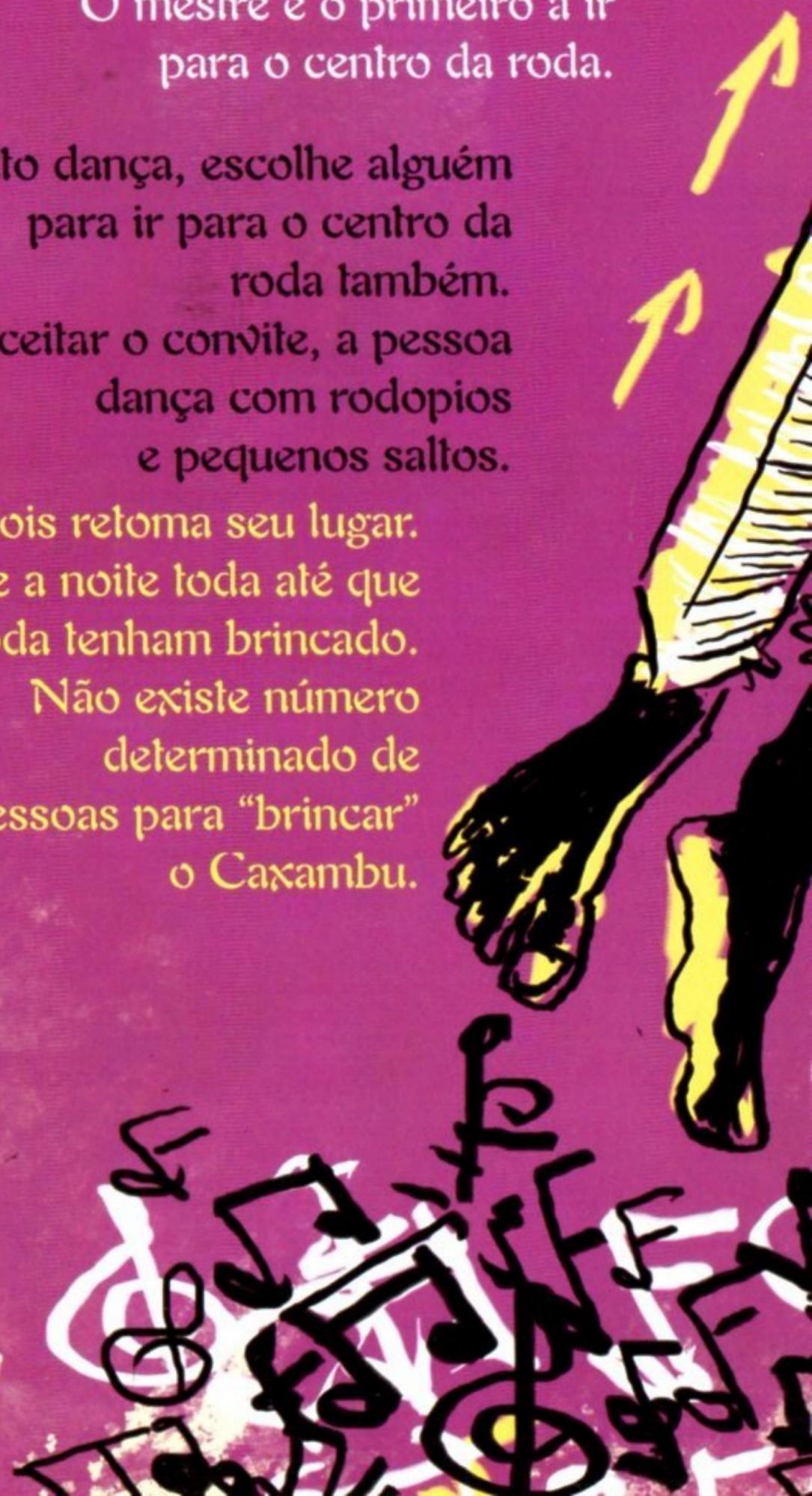
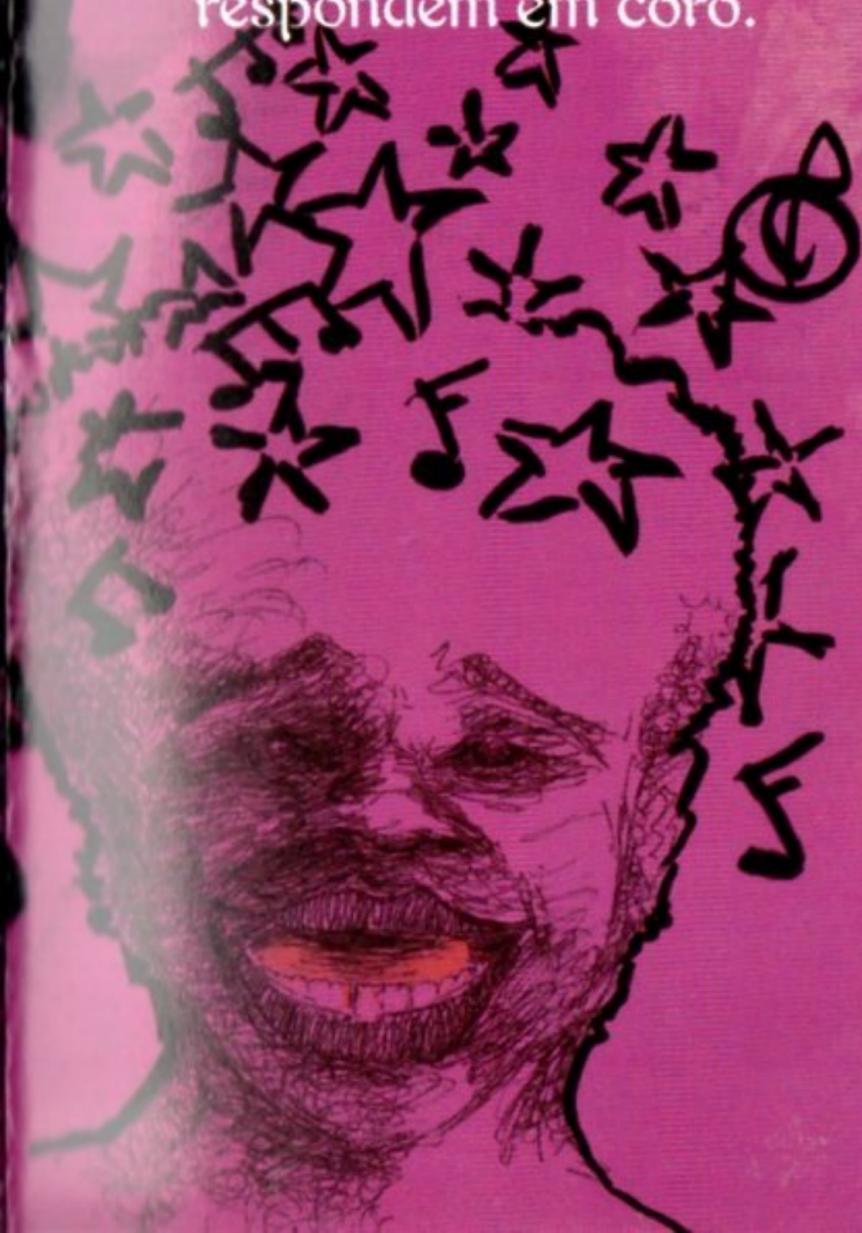
O mestre inicia a brincadeira. Ele canta e os demais respondem em coro.

Os componentes da roda acompanham cantando e marcando o ritmo com palmas. O mestre é o primeiro a ir para o centro da roda.

Enquanto dança, escolhe alguém para ir para o centro da roda também. Ao aceitar o convite, a pessoa dança com rodopios e pequenos saltos.

Depois retoma seu lugar. E assim segue a noite toda até que todos da roda tenham brincado.

Não existe número determinado de pessoas para "brincar" o Caxambu.



Curiosidades...

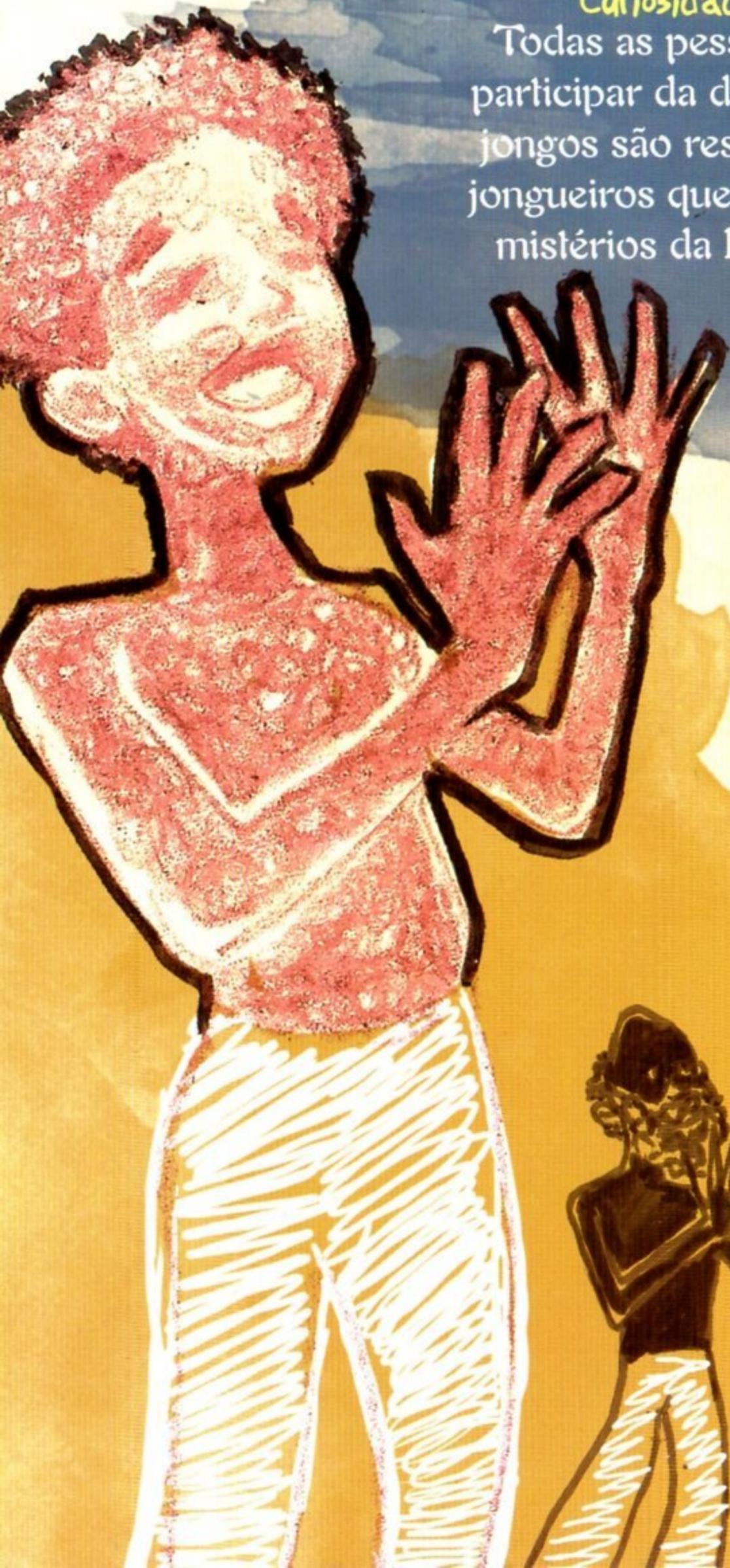
Todas as pessoas podem participar da dança, mas os jongos são reservados aos jongueiros que conhecem os mistérios da brincadeira.

Para entrar na roda, é preciso estar descalço. As mulheres usam saias bem rodadas, colares multicoloridos e pulseiras.

Turbantes também são comuns. O Caxambu só passou a ser praticado ao ar livre depois de 13 de maio de 1888. Até então, era uma brincadeira escondida, praticada nas senzalas.

Não é preciso motivo especial para brincar.

Tudo é motivo para a festa: casamento, batizado, dia do santo padroeiro, uma visita ilustre. E por aí vai...





Mas tem que ser à noite, depois
de acesa a fogueira.
A fogueira serve para “afinar” os
tambores, iluminar as noites
escuras e aquecer as noites frias.

Cabe ao mestre comandar a
festa do início ao fim.
Ele é a pessoa que recebe a
missão de garantir que o
Caxambu jamais acabe.

E cumpre tal missão até o
fim dos seus dias.

Referências:

HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho, BASTOS, Izabel Cristina de Almeida. *Cultura Popular – Narrativas de devoção por seus mestres*. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2011.

BARROS, Rosângela Venturi. *Palavra de Mestre*. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2012.

Mestres de Caxambu no Sul do Espírito Santo: Adevalmira Adão Felipe (Cumadi Ilinha), Canuta Caetano (Dona Canutinha), Hildo Caetano (Don Gildo), Maria Laurinda Adão, Niecina Ferreira de Paula Silva (Dona Isolina), Ormy Caetano e Pedro Paulo Caetano (Paulinho).



"...No tempo do cativoiro
como o senhor me batia.
Eu gritava por Nossa Senhora,
ai meu Deus, ai como chicote
doía.."

(Caxambu Alegria de Viver, de Vargem Alegre,
Cachoeiro de Itapemirim)

Este livro foi produzido pelo Ponto de Cultura do Folclore
da Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim-ES.

Apoio

Realizado com fundo do

Funcultura

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura

